

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

159

INSCRIÇÕES 627-630



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



LÁPIDE FUNERÁRIA DE TRÓIA  
(*Conventus Pacensis*)

Fragmento de lápide funerária romana, de mármore branco e forma sub-rectangular, recuperada, a 26 de Setembro de 2011, na escavação da área a oeste da necrópole de *mensae*<sup>1</sup> de Tróia (Grândola, Setúbal).

A epígrafe foi exumada em um contexto claramente secundário, uma vez que se encontrava inutilizada e fragmentada no interior de uma bolsa (u. e. [850]) de consistência argilosa e coloração muito escura, provavelmente devida à elevada presença de carvões, cinzas e restos malacológicos (*Mytilus edulis*). A sua proximidade às sepulturas E e possível sepultura F (?), assim como a natureza dos materiais encontrados nesta unidade sugerem uma muito provável relação com a área de necrópole mas não necessariamente com estas estruturas funerárias, devido à aparente distância cronológica entre os enterramentos identificados nesta escavação e a proposta baseada na análise formal desta lápide (ver infra). Para além da placa funerária epigrafada, outros materiais surgem associados a esta unidade estratigráfica, nomeadamente: uma moeda de liga de cobre ilegível, um fragmento de prato/tampa de cerâmica africana de cozinha da forma Hayes 196, quatro fragmentos de *sigillata* clara C, um fragmento de lucerna que conserva parte do disco e o arranque da asa – tipo Dressel/Lamboglia 20 ou 30B (?) – e ainda um fragmento de prato de

---

<sup>1</sup> Também designada pelo acrónimo ONM – Oeste da necrópole de *mensae*.

vidro inclassificável.

O fragmento epigrafado apresenta uma fractura antiga, que se desenvolve longitudinalmente, pelo que apenas se conserva a parte inferior. O seu estado de conservação deve-se, assim, a factores antrópicos, que reflectem a sua inutilização e associação a um contexto de deposição secundária, ainda que provavelmente associável à mesma área de necrópole. O campo epigráfico encontra-se delimitado por linhas, tanto no sentido horizontal (em baixo) como no vertical,<sup>2</sup> o que mostra o cuidado posto pelo lapicida na organização espacial do texto, ainda que não haja, depois, linhas de pauta a obrigar a um rigor geométrico quer na orientação dos travessões quer numa uniformização da altura ou da orientação dos caracteres. Dá a impressão de que o lapicida poderá ter dito de si para consigo: «Vou inscrever aqui, não posso ultrapassar estes limites» e, depois, procurou desenhar as letras quase à mão levantada, porque não nos apercebemos de uma preocupação estética deliberada.

A inscrição estará, pois, afectada em cerca de 1/3, uma vez que, apesar de se mencionar a idade do(a) defunto(a), desconhecemos o seu nome e filiação, dados que deveriam constar numa linha anterior e da qual apenas se conserva parte da primeira letra (provavelmente um L).

Dimensões (cm): 23,75 x [?]<sup>3</sup>x (1).

Campo epigráfico: 18,7 x (?).

L [?] [...] / ANN(orum) XXXV (*quinque et triginta*) ·  
C(*aecilia vel Cornelia?*) · / AVGVSTA POSVIT

L (...), de trinta e cinco anos. Cecília ou Cornélia (?)  
Augusta pôs.

---

<sup>2</sup> A 'margem' inferior é de 1,6 cm, e as laterais de 2,45 (à esquerda) e 2,8 cm (à direita).

<sup>3</sup> A altura máxima do fragmento é de 9,13 cm, sendo que a altura máxima conservada do campo epigráfico varia entre os 5,17 e os 7,6 cm, sendo neste espaço reduzido que se apresentam pelo menos duas linhas e parte de uma terceira.

Altura das letras: l. 1: (?); l. 2: 1,9 (C) a 2,2 (A e segundo N); l. 3: 1,6 (primeiro T) a 2,3 (G). Espaços: 2: 1; 3: 0,4 a 1,25.

O texto apresenta-se alinhado à esquerda. O *ductus* é, como se disse, pouco regular, apesar das tentativas de traçado uniforme para cada letra, de estilo actuário: P fechado, O regular estreito, todos os A sem travessão, G com travessão de orientação vertical mas colocado na zona inferior à linha; dois *puncti distinguentes* de feição circular, obtida pela gravação de um “X” (o que confirma a utilização de cinzel para gravação) e que separam partes do texto. Todos os caracteres se apresentam serifados à excepção, óbvia, do O.

Pelas suas características formais, a epígrafe insere-se de pleno direito no que se conhece dos monumentos epigráficos de Tróia,<sup>4</sup> podendo mesmo colocar-se a hipótese de ela se ter destinado a figurar na face dianteira de uma árula (ou de uma cupa) como a que nos chegou inteira (IRCP 212).<sup>5</sup>

A idade do defunto<sup>6</sup> tanto pode referir-se a um progenitor como a um filho. Inclinar-nos-íamos, sem outra razão a não ser a de o *nomen* da dedicante vir em sigla (mas não é, claro, uma razão peremptória), a que possamos estar perante uma homenagem filial ou mesmo conjugal. Foi intencional a utilização da sigla, quer o tenha sido por razões epigráficas, de falta de espaço, ou por o *nomen* estar por extenso na(s) linha(s) em falta e, conseqüentemente, de mui fácil identificação, sobretudo num meio, como poderá sido o de Tróia, onde – devido à sua utilização na produção de *garum* – a população servil e de libertos não seria despicienda e, por isso, os gentilícios facilmente eram passíveis de se mencionarem em sigla, uma vez que poucas seriam as famílias existentes, reconhecíveis. Por conseguinte, será sempre aleatória qualquer

---

<sup>4</sup> Vejam-se, a título de exemplo, IRCP 209, 214, 218 e 222, a indiciar a existência de uma oficina epigráfica comum.

<sup>5</sup> IRCP = ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 2013: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

<sup>6</sup> Somos tentados a ver no possível L da linha superior que desapareceu a sigla do *praenomen* *L(ucius)*...

tentativa de o adivinhar: *Caecilia*, *Cornelia*... constituiriam, portanto, hipóteses verosímeis, mas não demonstráveis.

Quanto ao *cognomen Augusta*, a sua utilização – supomos que também devido à sua alta conotação religiosa e, até, relacionável quiçá com a casa imperial – foi, de facto, extremamente rara na Península Ibérica, segundo lográmos apurar: para *Masclia Augusta*, sua *patrona*, diligencia a *liberta et haeres Masclia Glauce* que seja erigido monumento funerário (HEpOL n° 10 052),<sup>7</sup> em Tarragona; em Cádiz, *Aemilia Augusta* faleceu, *kara suis*, «querida aos seus», com 31 anos apenas (HEpOL n° 6220). No seu tempo, Iiro Kajanto<sup>8</sup> apenas contabilizou 19 mulheres com o *cognomen* de *Augusta* no conjunto dos vários volumes do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, considerando não ser possível atribuir-lhe um significado concreto; ou seja, tanto pode ser, na origem, mero adjectivo, a acentuar um carácter de excelência, como, a partir do tempo do imperador Augusto, uma ressonância vagamente imperial. A sua raridade é, porém, indício ímpar de que era de cultura não despicienda a população romana de Tróia.

Para a atribuição de uma datação, o contexto arqueológico secundário em que o fragmento foi exumado não é susceptível de nos fornecer uma informação fidedigna. As características paleográficas (por exemplo, o A sem travessão, o G com a perna voltada para baixo) e a simplicidade textual sugerir-nos-iam, de preferência, o século I d. C., a que – porventura – não teria sido alheia a escolha do *cognomen Augusta*.

JOÃO ALMEIDA  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
TERESA PEREIRA

---

<sup>7</sup> HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*, acessível em <http://eda-bea.es>.

<sup>8</sup> KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 316.



627